

EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA PRÁTICA: PERCEPÇÕES DE DISCENTES EM PROJETOS EXTENSIONISTAS

DIOGO RICARDO DE BRITO ALVES
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)

ALLISSON SILVA DOS SANTOS
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)

JOCYKLEBER MEIRELES DE SOUZA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)

ÁDRIA TAYLLO ALVES OLIVEIRA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)

EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA PRÁTICA: PERCEPÇÕES DE DISCENTES EM PROJETOS EXTENSIONISTAS

1 INTRODUÇÃO

A educação financeira possui um papel relevante no contexto da sociedade, considerando que os indivíduos vivem integrados em uma estrutura econômica e social onde o manejo do dinheiro e o exercício do poder são aspectos centrais de suas experiências. De forma geral, observa-se que pessoas enfrentam dificuldades para utilizar de forma adequada os instrumentos financeiros disponíveis. Diante disso, torna-se relevante estimular a promoção de valores e habilidades relacionadas à educação financeira, no intuito de que as pessoas se tornem mais conscientes sobre as oportunidades e riscos.

O obstáculo do endividamento excessivo pode impactar diversas esferas da vida das pessoas, gerando desconfortos amplos. Para minimizar esses efeitos, é imprescindível o acesso a informações atualizadas, e a abordagem precoce do tema pode facilitar a adoção de comportamentos financeiros mais eficazes. Nesse sentido, as instituições educacionais assumem um papel fundamental na orientação e na melhoria de uma consciência financeira (Hurtado; Freitas, 2020).

A educação financeira revela-se imprescindível tanto para o contexto empresarial bem como para a vida pessoal, possibilitando que as pessoas tomem decisões mais acertadas e conscientes, voltado para o planejamento adequado de suas finanças como também que as instituições estejam engajadas em promover a educação financeira, de forma de capacitar os indivíduos para uma gestão eficiente de seus recursos (Savoita; Saio; Santana, 2007).

Considerando o Cariri Ocidental, região marcada por desafios socioeconômicos expressivos, iniciativas que integrem a educação e o desenvolvimento ganham ainda mais relevância. Iniciativas como a Olimpíada Brasileira de Educação Financeira (OBEPF), ao promover competições que estimulam o domínio e a atividades de conceitos financeiros, caracteriza-se como uma abordagem relevante para proporcionar aos alunos saberes essenciais para sua capacitação completa. Por meio dessa experiência, os participantes compreendem a importância de atribuir valor não apenas a bens materiais, mas também ao conhecimento e à responsabilidade financeira.

A relevância da educação financeira vem sendo progressivamente reconhecida como uma parte essencial para a evolução pessoal e social, especialmente em ambientes educacionais. Especificamente na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus Monteiro, os projetos de extensão exercem uma função de destaque ao proporcionar para o acadêmico espaços de aprendizagem prática e teórica sobre finanças, colaborando de forma significativa para o desenvolvimento coletivo.

Diante desse contexto, buscou-se compreender as experiências vivenciadas por estudantes da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), do Curso de Ciências Contábeis - Campus VI, que participaram dos projetos de extensão de educação financeira, Itinerário Financeiro e Olimpíada Brasileira de Educação Financeira (OBEPF) nos municípios do Cariri Ocidental Paraibano.

Por meio de um estudo qualitativo, houve a exploração de como esses projetos têm colaborado para o avanço das competências financeiras dos discentes envolvidos, assim como seu efeito na conscientização e na capacidade de gestão financeira da comunidade atendida a partir do que dizem esses estudantes extensionistas. Ademais, a pesquisa se esforça em identificar as fragilidades no ensino e, em contrapartida, apontar possíveis melhorias na base educacional, destacando as iniciativas extensionistas no contexto acadêmico, destacando sua influência na formação dos estudantes, promovendo não apenas conhecimentos técnicos, mas também habilidades socioemocionais fundamentais para a vida pessoal e profissional.

Ao abordar as experiências discentes em projetos de educação financeira, este estudo não apenas preenche uma lacuna na literatura acadêmica local, mas também oferece conhecimentos práticos para o desenvolvimento contínuo dessas iniciativas, proporcionando uma base segura para futuras iniciativas e políticas educacionais na área de educação financeira em contextos universitários e comunitários.

Nessa ótica, o principal ponto abordado neste trabalho é a dificuldade que os estudantes enfrentam ao lidar com questões de educação financeira. Esse entendimento é a principal motivação para a presente pesquisa, que visa relatar a importância dos projetos extensionistas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Extensão Universitária

A extensão universitária foi consolidada como uma das funções essenciais das universidades a partir da promulgação da Lei da Reforma nº 5.540/68, que a vinculou formalmente ao aprendizado e à pesquisa. Embora de sua intenção inicial de integrar o saber acadêmico ao popular, Florido (2011) aponta que, na prática, essa legislação acabou por contribuir para a fragmentação institucional, levando as universidades a assumirem responsabilidades sociais que deveriam ter sido atribuídas ao Estado.

Ao se articular junto às atividades de ensino e pesquisa, a extensão universitária possui uma função estratégica na origem e na materialização de ideias, promovendo engajamento e articulação entre a universidade e a comunidade vizinha. Essa iniciativa de troca é caracterizada por uma reciprocidade enriquecedora, que possibilita que o conhecimento acadêmico dialogue com os saberes populares (Pinheiro; Narciso, 2022).

Como parte essencial do ensino superior, a extensão universitária busca promover transformações sociais significativas por meio da implementação de ações que conectem o ambiente acadêmico à realidade externa. Tais iniciativas fomentam a participação conjunta de estudantes, docentes e integrantes da comunidade, fortalecendo a geração e a difusão de saberes e métodos transformadoras (Oliveira, 2021).

Há três visões distintas sobre o papel da extensão universitária no Brasil: a tradicional, que a entende como mera executora de políticas públicas isoladas; a processual, que destaca a necessária conexão com ensino e a pesquisa, assumindo uma responsabilidade frente à realidade social; e a crítica, que propõe a integração completa entre extensão, ensino e pesquisa, como forma de transformar a universidade em direção às necessidades sociais (Cristifoletti; Serafim, 2020).

A extensão universitária se mostra potente ao viabilizar o compartilhamento de práticas oriundas do meio acadêmico para comunidades em situações de risco, com o objetivo de impactar positivamente suas realidades e elevar o padrão de vida. Simultaneamente, essa aproximação permite a vivência de experiências singulares, nas quais novos saberes são construídos com base no diálogo e da troca com os indivíduos, em situações diversas das observadas exclusivamente em espaços universitários fechados, como clínicas acadêmicas. Esse encontro favorece a pluralidade de olhares, fortalece o ensino e aprimora a formação profissional, promovendo maior compreensão da importância social do saber acadêmico (Moura *et al.*, 2021).

Assim, a extensão universitária deve ser interpretada como uma atividade educativa, cultural e científica, que reúne de forma inseparável o ensino e a pesquisa, para fomentar a transformação da comunidade. Ela é tida como uma dimensão formativa que possui o intuito de ampliar os horizontes pedagógicos e fortalecer práticas educativas voltadas à sociedade (Sousa; Nakashima; Gutberle, 2020).

Adicionalmente, a adesão da extensão aos currículos dos cursos de formação promove o desenvolvimento de uma prática docente crítica e engajada na mudança social. Nessa perspectiva, consolida-se como um ambiente fundamental para a promoção de uma educação dialógica, crítica e emancipadora (Bezerra; Sousa; Colares, 2022). É válido ressaltar que muitos projetos de extensão perpassam por editais vinculados às instituições de ensino. A gestão eficiente desses projetos demanda a definição clara de objetivos e um controle rigoroso dos processos, elementos essenciais desde a aprovação dos editais até a execução das ações em campo (Aquino; Ceolin, 2023).

2.2 Educação Financeira

A Educação Financeira pode ser inicialmente abordada sob a perspectiva de vista de Borges, Carvalho e Miranda (2024), que enfatizam sua relevância no contexto contemporâneo, levando em consideração que o tema vem ganhando espaço na produção acadêmica, impulsionado pela necessidade de suprir o desconhecimento da sociedade sobre finanças pessoais, pela importância de preparar indivíduos conscientes na administração de seus recursos e pelo reconhecimento da Educação Financeira como uma ferramenta crucial para a integração comunitária e o desenvolvimento da cidadania.

A crescente valorização da Educação Financeira, especialmente após sua inserção na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), evidencia sua importância. Essa diretriz busca fomentar nos estudantes a autonomia e a responsabilidade no gerenciamento de suas finanças, desenvolvendo a capacidade de tomar decisões mais equilibradas e conscientes frente às dificuldades econômicas do cotidiano. Ao analisar os diversos conceitos envolvidos, percebe-se que o “conhecimento financeiro” atua como elo central entre eles. Essa interconexão permite que os conceitos sejam aplicados de forma complementar e integrada, ampliando o entendimento e utilização da temática na vida prática (Andrade; Lucena, 2018).

Nessa perspectiva, a Educação Financeira ultrapassa a simples prática de economizar, cortar gastos e acumular recursos. Trata-se, sobretudo, de promover uma qualidade de vida mais equilibrada, tanto no presente quanto no futuro, proporcionando segurança e preparo para lidar com imprevistos (Buss; Amorim, 2023).

A Educação Financeira é percebida como uma passagem na qual o indivíduo busca adquirir competências para gerenciar suas finanças de forma coerente, tomando decisões fundamentadas sobre os recursos disponíveis. Tal habilidade reflete uma perspectiva que contempla o presente e o futuro, considerando desde os desafios econômicos cotidianos até o planejamento para possíveis imprevistos (Lizote; Moreira; Santos, 2016).

A escola exerce uma função crucial para a Educação Financeira, promovendo o aprendizado desde os primeiros anos. Essa abordagem facilita a incorporação de hábitos de estruturar tarefas e organização financeira que se perpetuam na vida adulta. A aprendizagem precoce sobre administração de gastos e planejamento de recursos eleva as possibilidades de construir uma relação saudável e equilibrada com o dinheiro (Anjos; Rufino, 2023).

Além disso, o Ensino Fundamental é um período ideal para o avanço da Educação Financeira, pois, nessa fase, as crianças assimilam o conhecimento com mais facilidade e o conectam com sua realidade. O contato precoce com o tema favorece a formação de uma posição mais consciente e responsável diante do dinheiro ao longo do crescimento (Buss; Amorim, 2023).

De modo que a Educação Financeira se efetive de maneira eficaz, é necessário o esforço conjunto de diversas esferas. Conforme destacam Soares Júnior, Silva e Pereira (2021), o Estado precisa oferecer suporte às escolas, por meio de recursos e apoio para ampliar o acesso e capacitar professores e alunos. As instituições educacionais, por sua vez, devem integrar a Educação Financeira ao cotidiano escolar, promovendo uma alfabetização contínua desde o

Ensino Fundamental até o Ensino Médio. Essa abordagem auxilia para que os estudantes desenvolvam uma postura crítica e responsável sobre o uso do dinheiro, e que, ao ingressarem na vida adulta, possam administrar suas finanças de forma equilibrada e segura, enfrentando os desafios do dia a dia com mais preparo.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, buscando compreender as experiências dos discentes participantes de projetos extensionistas Itinerário Financeiro e OBEF nos municípios do Cariri Ocidental Paraibano, que promovem a educação financeira em escolas de ensino fundamental e médio. Conforme Godoy (1995), a pesquisa qualitativa permite um mergulho mais profundo nos fenômenos sociais que envolvem os indivíduos e suas interações, proporcionando uma compreensão mais detalhada desses aspectos. Dessa forma, a escolha por essa abordagem justifica-se pela necessidade de explorar em profundidade as percepções, os significados e os aprendizados construídos pelos discentes envolvidos nos referidos projetos.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas com os extensionistas participantes. Segundo Lombardi *et al.* (2021), esse tipo de entrevista oferece flexibilidade para os entrevistados, permitindo que explorem livremente aspectos ainda não conhecidos da problemática investigada. Assim, a utilização desse instrumento possibilitou uma análise mais minuciosa das experiências e percepções dos sujeitos, favorecendo a coleta de informações ricas e detalhadas. As entrevistas foram realizadas via videoconferência, utilizando a plataforma *Google Meet*, e seguiram um roteiro previamente elaborado, com perguntas abertas que incentivaram os entrevistados a compartilhar suas experiências e contextos pessoais.

A amostragem adotada foi não probabilística e por conveniência, envolvendo 35% do total de discentes extensionistas vinculados aos projetos, resultando na participação de sete estudantes. A escolha desses participantes foi baseada em sua participação direta nas atividades de extensão, tornando-os fontes relevantes para descrever as experiências vivenciadas nesses projetos.

As respostas coletadas por meio das entrevistas foram incorporadas ao texto na forma de citações diretas dos participantes, identificados pela sigla “E” seguida de um número sequencial (por exemplo, E1 para o primeiro entrevistado, E2 para o segundo, e assim por diante). As questões da entrevista também foram codificadas, utilizando a sigla “Q” (por exemplo, Q1 para a primeira pergunta, Q2 para a segunda etc.). A seguir, foi apresentado o Quadro 1, que detalha as informações relativas às entrevistas, como a data da coleta, o formato utilizado e a duração das gravações.

Quadro 1 – Informações das entrevistas

Entrevistado	Data	Formato	Tempo
E1	16/04/2025	Videoconferência	4:45
E2	16/04/2025	Videoconferência	10:04
E3	16/04/2025	Videoconferência	8:51
E4	16/04/2025	Videoconferência	7:53
E5	14/05/2025	Videoconferência	5:07
E6	14/05/2025	Videoconferência	5:20

E7	14/05/2025	Videoconferência	6:11
----	------------	------------------	------

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

A análise dos dados coletados foi feita por meio do método de análise de conteúdo, conforme proposto por (Bardin, 2011). Esse método foi utilizado para identificar e categorizar os principais temas emergentes dos relatos dos entrevistados, permitindo uma compreensão aprofundada das experiências vivenciadas pelos alunos extensionistas. A análise, portanto, foi conduzida em três etapas principais: a pré-análise (leitura flutuante), a exploração do material (codificação) e o tratamento dos resultados obtidos (interpretação).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para compreender de maneira mais aprofundada as percepções geradas pela participação dos estudantes nas ações extensionistas dos projetos OBEF e Itinerário Financeiro, foram realizadas entrevistas com os próprios extensionistas envolvidos. A seguir, encontram-se apresentadas as respostas obtidas a partir das perguntas formuladas, seguidas de uma análise crítica que busca relacionar os relatos com os objetivos e resultados esperados dos projetos, bem como com os referenciais teóricos abordados ao longo deste trabalho que foram divididas em quatro categorias.

4.1 Concepção de Extensão Universitária

A ideia de extensão universitária expressa pelos discentes entrevistados considera um ambiente de construção conjunta, compartilhando de saberes e ações. Para esses estudantes, a extensão representa um elo entre o conhecimento acadêmico e as necessidades concretas da comunidade, caracterizando-se como um processo recíproco, onde a universidade não apenas compartilha conhecimentos, mas também aprende com a realidade social. Um exemplo disso foi destacado pelo E5, ao comentar que “[...] é um dos principais elementos que compõem uma jornada acadêmica, considero muito importante pois é aquela que está mais voltada para a comunidade e é uma forma de aplicar o conhecimento para benefício da sociedade” (Entrevista, E5/Q1, 2025).

Nas falas dos participantes, observa-se ainda uma compreensão coerente com os princípios orientadores da prática extensionista no Brasil. A extensão é reconhecida como uma ação educativa, transformadora e dialógica, que conecta universidade e sociedade, promovendo um intercâmbio de saberes. Como argumentam Sousa, Nakashima e Gutberle (2020), a extensão universitária deve ser encarada como uma atividade educativa, cultural e científica, que integra de maneira inseparável o ensino e a pesquisa, promovendo para a transformação comunitária.

Nesse contexto, o E1 ao ser questionado sobre *o que significa a extensão universitária*, afirmou que: “A extensão é o que nos conecta com a realidade. A gente aprende na teoria, mas é na extensão que a gente vê como isso realmente funciona na vida das pessoas” (Entrevista, E1/Q1, 2025). Respondendo ao mesmo questionamento, o discente E3 complementou: “Eu comecei a entender o meu curso de verdade quando fui aplicar os conteúdos numa escola pública. A gente sai da bolha e entende o nosso papel como universitário” (Entrevista, E3/Q1, 2025).

As opiniões dos discentes participantes demonstram uma compreensão crítica da extensão universitária, entendendo-a como uma prática que ultrapassa a simples aplicação de conhecimentos teóricos. A extensão é visualizada como um ambiente de construção conjunta do saber, promovendo o diálogo entre universidade e sociedade. O entendimento da extensão

universitária como dimensão formativa foi amplamente ressaltada pelos discentes entrevistados. Eles relataram que a participação em projetos extensionistas favoreceu consideravelmente uma formação com maior enfoque humanizado e contextualizado, indo além do que é aprendido na universidade. Isso é perceptível na fala do E1:

O que me motivou a participar dos projetos extensionistas foi a possibilidade de ver o conhecimento sair da teoria e fazer diferença na vida das pessoas. Participar desses projetos é uma forma de colocar em prática tudo o que aprendemos na sala de aula, mas, mais do que isso, é uma oportunidade de contribuir com a comunidade, entender suas demandas reais e crescer como ser humano e profissional. É muito gratificante perceber que, por meio da extensão, conseguimos impactar positivamente a sociedade e, ao mesmo tempo, desenvolver habilidades como empatia, responsabilidade social e trabalho em equipe (Entrevista, E1/Q2, 2025).

Essa fala evidencia como a extensão universitária ultrapassa os limites do ensino teórico, proporcionando a interação entre o conhecimento acadêmico e a realidade concreta da sociedade atendida. Ao articular teoria e prática, os projetos de extensão permitem a vivência de situações complexas e reais, promovendo o desenvolvimento de competências socioemocionais essenciais à formação cidadã. Nesse sentido, o depoimento de E1 dialoga com a concepção de que o relacionamento com a sociedade extrapola os muros da universidade, consolidando-se como prática formativa e transformadora. Além disso, ela reforça a ideia de Pinheiro e Narciso (2022) de que a extensão é uma via de mão dupla, ao proporcionar uma troca entre o saber acadêmico e os saberes populares, promovendo o engajamento e a corresponsabilidade social. Essa relação de troca também ficou clara no depoimento de E1, que comentou na Q1:

Extensão universitária é o elo entre a universidade e a sociedade. Para mim, ela representa a aplicação prática do conhecimento acadêmico fora dos muros da instituição de ensino, promovendo trocas de saberes, transformação social e formação cidadã. É quando alunos, professores e a comunidade se encontram para resolver problemas reais, compartilhar experiências e construir juntos novas formas de aprendizado. É, essencialmente, um caminho de mão dupla: a universidade ensina, mas também aprende com a sociedade (Entrevista, E1/Q1, 2025).

Esse momento remete à concepção de Pinheiro e Narciso (2022), para quem a extensão universitária promove uma troca enriquecedora entre os saberes acadêmicos e populares, favorecendo para a criação de ideias e soluções contextualizadas. A compreensão da extensão universitária como dimensão formativa foi amplamente ressaltada na entrevista. Para os estudantes entrevistados, a participação em projetos extensionistas colaborou de forma expressiva para uma formação mais centrada no ser humano e contextualizada, indo além do que é aprendido em sala de aula. Os estudantes também denotam reconhecimento do valor que os projetos extensionistas apresentam em sua formação, assim como E1, ao responder que:

Participar dos projetos me ensinou, de forma prática, a importância da educação financeira desde a base escolar e como ela pode transformar realidades. Aprendi a adaptar a linguagem ao contexto dos estudantes do Cariri Paraibano, desenvolvendo habilidades como empatia, comunicação e trabalho em equipe. Foi uma experiência que uniu conhecimento acadêmico com impacto social, enriquecendo minha formação pessoal e profissional (Entrevista, E1/Q9, 2025).

Essa vivência está alinhada à perspectiva de Pinheiro e Narciso (2022), que veem a extensão universitária como um processo bidirecional, caracterizado por uma interação enriquecedora entre o saber científico e o conhecimento tradicional. Ao adequar sua linguagem à realidade local e perceber os impactos concretos de sua atuação, o estudante experienciou na

prática o que os autores identificam como a essência da extensão: a interligação entre a universidade e a sociedade, proporcionando soluções contextualizadas, fomentando uma formação crítica e fortalecendo o compromisso social da instituição.

Outro aspecto que se destacou nas falas dos estudantes foi o anseio por continuidade e por uma maior institucionalização das iniciativas extensionistas. Como pontuou o entrevistado E1: “Participar desses projetos é uma forma de colocar em prática tudo o que aprendemos na sala de aula, mas, mais do que isso, é uma oportunidade de contribuir com a comunidade, entender suas demandas reais e crescer como ser humano e profissional”. Esse relato evidencia a necessidade de políticas que integrem de forma mais efetiva a extensão ao currículo acadêmico, fortalecendo sua relação com o ensino e a pesquisa, conforme propõe Oliveira (2021).

Nesse contexto, autores como Bezerra, Sousa e Colares (2022) ressaltam que a incorporação da extensão aos currículos dos cursos de formação favorece o desenvolvimento de uma prática docente crítica, engajada na mudança social. Deste modo, consolida-se como um local estratégico para a promoção de uma educação dialógica, crítica e emancipadora.

4.2 Motivação e Participação para Conhecimentos Prévios

Os dados analisados indicam que a motivação para o envolvimento nos projetos de extensão esteve relacionada tanto a fatores acadêmicos quanto a experiências pessoais dos discentes. Muitos manifestaram o desejo de aprofundar o tema da educação financeira, impulsionados pela vontade de compartilhar seus conhecimentos com comunidades que historicamente têm pouco ou nenhum acesso a esse tipo de conteúdo. Essa motivação é evidenciada na fala de E4: “Eu vim de escola pública e nunca tive aula sobre finanças. Então, quando vi a proposta do projeto, pensei: ‘é disso que a escola precisa’. Queria levar o que aprendi para quem está onde eu estive” (Entrevista, E4/Q2, 2025).

Esse depoimento revela uma percepção crítica acerca da função social da universidade e do papel do estudante como agente de transformação. Tal perspectiva é corroborada por Sousa, Nakashima e Gutberle (2020), que defendem a extensão como uma dimensão formativa capaz de ampliar os horizontes pedagógicos e fortalecer práticas educativas voltadas à transformação social. Para os discentes, a extensão não se reduz à simples transmissão de conteúdos acadêmicos; ela se configura como um espaço de construção coletiva e contextualizada do conhecimento, onde a comunidade acadêmica aprende e ensina a partir da interação com a sociedade.

A fala de E5 reforça essa percepção: “Tive uma pincelada no ensino médio, mas foi aqui que eu realmente entendi como a educação financeira pode mudar a vida das pessoas” (Entrevista, E5/Q2, 2025). Essa declaração demonstra que o envolvimento com o projeto proporcionou aprofundamento do conhecimento teórico, mas também a aplicação prática em contextos sociais concretos, destacando a função da extensão na valorização de uma formação crítica e comprometida com o cenário atual.

A atuação dos discentes nos projetos extensionistas também se conecta com a crescente relevância da educação financeira no contexto educacional brasileiro. Conforme Borges, Carvalho e Miranda (2021), a abordagem do tema tornou-se cada vez mais urgente, dada a baixa proficiência financeira da população, a necessidade de estimular a autonomia na gestão de recursos e a importância de consolidar a educação financeira como via para integração social e consolidação da cidadania. Assim, a experiência extensionista vivenciada pelos estudantes contribui para o desenvolvimento dessas competências, tornando-os mais conscientes e preparados para intervir criticamente na sociedade.

Essa relevância também é reconhecida na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que, segundo Hurtado e Freitas (2020), passou a incorporar a educação financeira como uma

competência a ser desenvolvida desde a educação básica, estimulando a autonomia e a responsabilidade dos estudantes frente às decisões econômicas do dia a dia. A integração entre a atuação extensionista e as metas da BNCC sinaliza para uma formação docente mais alinhada às demandas sociais contemporâneas.

Além disso, como afirmam Andrade e Lucena (2018), a compreensão conceitual da educação financeira implica a integração de diferentes saberes, sendo o “conhecimento financeiro” um ponto de articulação central para sua aplicabilidade. Os projetos de extensão, ao oportunizarem que os estudantes desenvolvam e apliquem esses conhecimentos em contextos reais, fortalecem essa conexão entre teoria e prática, promovendo uma aprendizagem mais significativa, engajada e transformadora.

Nesse cenário, a extensão universitária se configura como um potente dispositivo pedagógico, permitindo aos discentes revisitarem suas trajetórias à luz do conhecimento acadêmico. Ao mesmo tempo, posiciona-os como sujeitos ativos no processo de ensino, aptos a colaborar na formação de outros a partir de suas próprias experiências. Assim, a razão para participar da extensão não é meramente instrumental ou vinculada à obtenção de créditos acadêmicos, mas intrínseca, construída a partir de suas vivências e marcada pelo desejo de retribuir à sociedade, especialmente às comunidades mais vulneráveis, o acesso ao conhecimento crítico, transformador e socialmente comprometido que a universidade lhes possibilitou.

Essa dimensão também é destacada por Sousa, Nakashima e Gutberle (2020), ao afirmarem que a extensão universitária, quando integrada à formação inicial, amplia os horizontes pedagógicos e fortalece uma prática docente sensível às desigualdades e especificidades dos contextos escolares. Ou seja, a experiência extensionista oferece aos discentes não apenas um espaço de aplicação prática, mas também uma oportunidade para refletir criticamente sobre os conhecimentos que carregam e sobre as formas de potencializá-los e compartilhá-los.

Como observam Andrade e Lucena (2018), o conhecimento financeiro constitui um elo entre múltiplas dimensões econômicas, sociais, culturais e éticas, e, por isso, requer abordagens pedagógicas integradas e sensíveis ao contexto. Os estudantes parecem compreender essa complexidade de forma vivencial, demonstrando uma compreensão amadurecida do seu papel enquanto futuros educadores.

Assim, os dados desta pesquisa evidenciam que a motivação dos discentes não é apenas funcional ou acadêmica, mas também atravessada por trajetórias pessoais e pelo desejo de transformar realidades semelhantes àsquelas que eles próprios vivenciaram.

4.3 Desafios e Sugestões de Melhoria

Os desafios enfrentados pelos discentes durante os projetos de extensão em Educação Financeira foram diversos e reveladores. No campo logístico, destacaram-se as dificuldades relacionadas ao transporte, à infraestrutura e à ausência de equipamentos tecnológicos. Essa precariedade comprometeu, em alguns momentos, a fluidez das atividades e exigiu improvisação dos participantes, como relata E2: “Muitas vezes, a gente tinha que improvisar, porque não tinha notebook, ou o material que levava não funcionava” (Entrevista, E2/Q3, 2025).

A escassez de recursos materiais básicos evidencia a necessidade de um suporte institucional mais robusto, capaz de garantir as condições mínimas para que a extensão cumpra seu papel formativo e social. Nesse sentido, Aquino e Ceolin (2023) ressaltam que a gestão eficiente de projetos demanda a definição clara de objetivos e um controle rigoroso dos processos, elementos essenciais desde a aprovação dos editais até a execução das ações em campo.

Além das limitações estruturais, os discentes enfrentaram desafios metodológicos, especialmente no que se refere à adaptação dos conteúdos à diversidade etária e cognitiva dos estudantes da educação básica. A heterogeneidade das turmas exigia uma preparação didática diferenciada e sensível aos contextos escolares: “Teve turma que era do 5º ano e outra do ensino médio. Não dava ‘pra’ usar o mesmo material. Tínhamos que adaptar tudo, às vezes na hora” (Entrevista, E1/Q3, 2025).

Essa necessidade constante de adaptação, embora desafiadora, foi também formativa, pois permitiu que os discentes refletissem sobre a necessidade de uma abordagem pedagógica contextualizada e centrada nos sujeitos da aprendizagem. Como destacam Anjos e Rufino (2023), a escola deve funcionar como um ambiente para formação de hábitos e conhecimentos que preparam os alunos para a vida adulta. A Educação Financeira, nesse contexto, precisa dialogar com a realidade e a linguagem dos estudantes, o que exige sensibilidade didática e criatividade por parte dos extensionistas.

Outro obstáculo relatado foi a resistência inicial dos próprios estudantes das escolas, que demonstravam desinteresse ou desconfiança em relação às propostas do projeto. Essa barreira foi superada quando os conteúdos passaram a ser tratados de forma lúdica e vinculada às experiências cotidianas dos alunos: “Muitos achavam que era só mais uma aula chata, até a gente mostrar que dava pra aprender brincando, jogando, falando do dinheiro do lanche deles” (Entrevista, E6/Q3, 2025).

Essa estratégia, ao associar os conteúdos às vivências concretas dos estudantes, está alinhada à perspectiva de Buss e Amorim (2023), para os quais a Educação Financeira deve ir além da simples noção de economizar ou acumular. Trata-se, segundo os autores, de construir uma relação equilibrada com o dinheiro, integrando presente e futuro, e preparando o indivíduo para lidar com imprevistos e tomar decisões conscientes.

Assim, os projetos extensionistas tornam-se espaços privilegiados para a construção de uma Educação Financeira significativa, ao permitirem que os discentes universitários atuem como mediadores entre o saber acadêmico e o contexto social dos discentes da escola básica. Essa articulação dialoga com a concepção de Lizote, Moreira e Santos (2016), que entendem a Educação Financeira como um processo contínuo de aprendizagem, voltado a capacitar o indivíduo a tomar decisões coerentes com seus objetivos e com os recursos disponíveis.

Contudo, para que essa formação se concretize, é fundamental o apoio articulado de diferentes esferas. Como ressaltam Soares Júnior, Silva e Pereira (2021), é necessário que o Estado invista na infraestrutura das escolas e na capacitação dos professores, enquanto as escolas devem assumir o compromisso de integrar a Educação Financeira de forma transversal e progressiva no currículo. Apenas com essa articulação será possível consolidar práticas educativas que contribuam para o desenvolvimento de cidadãos críticos, responsáveis e preparados para enfrentar os desafios da vida financeira.

Os depoimentos dos discentes reforçam, portanto, que a prática extensionista, embora marcada por desafios logísticos e pedagógicos, constitui uma oportunidade potente de aprendizado e de transformação social. A experiência no projeto os colocou diante de situações reais que exigiram criatividade, planejamento, empatia e compromisso. Assim, os desafios enfrentados não devem ser vistos como entraves, mas como indicadores da urgência de políticas públicas mais estruturadas e do valor da extensão como ambiente de formação crítica.

A experiência extensionista vivenciada pelos discentes revelou-se, simultaneamente, desafiadora e transformadora. Ao lidar com realidades escolares diversas e, por vezes, carentes de estrutura básica, os participantes foram levados a repensar suas estratégias pedagógicas, desenvolvendo soluções criativas para promover o ensino da Educação Financeira de forma acessível, envolvente e significativa. As dificuldades metodológicas e logísticas, longe de paralisarem a ação, funcionaram como dispositivos formativos que estimularam a flexibilidade, a resiliência e a capacidade de adaptação.

Nesse processo, o vínculo com os discentes da educação básica evidenciou a importância de partir dos conhecimentos prévios e dos contextos socioculturais dos sujeitos. A motivação dos alunos só se consolidou quando os conteúdos passaram a fazer sentido em suas vidas, seja por meio de jogos, seja por meio de situações práticas relacionadas à realidade econômica cotidiana, como o uso do dinheiro do lanche ou o planejamento de pequenas compras. Essa postura didática está em sintonia com as reflexões de Buss e Amorim (2023) e de Anjos e Rufino (2023), ao defenderem uma Educação Financeira que contribua para a formação de sujeitos autônomos, conscientes e capazes de tomar decisões financeiras responsáveis.

A vivência extensionista, portanto, não apenas ampliou a compreensão dos discentes sobre a importância da Educação Financeira na formação escolar, mas também os aproximou dos desafios concretos da docência em contextos de desigualdade. O projeto revelou a urgência de políticas públicas mais efetivas, que fortaleçam a formação discente, assegurem os recursos materiais necessários e favoreçam a integração entre universidade e escola.

Ao mobilizar saberes acadêmicos, vivências escolares e a liderança estudantil, a extensão universitária cumpriu seu papel de formação integral, como destacam Soares Júnior, Silva e Pereira (2021), favorecendo a construção de competências críticas e sociais fundamentais para uma atuação profissional engajada na transformação da realidade. Essa integração entre teoria e prática, desejo de mudança e compromisso social é o que confere sentido à extensão como experiência educativa transformadora, tanto para quem ensina quanto para quem aprende.

Além dos desafios, a pesquisa também deu voz às sugestões dos próprios discentes, que apontaram caminhos para qualificar futuras ações extensionistas: a necessidade de antecipar o planejamento após a aprovação dos editais, a oferta de formações metodológicas mais robustas, a disponibilização de recursos materiais adequados e o fortalecimento do vínculo entre universidade e escola. Tais propostas estão em consonância com as recomendações de Soares Júnior, Silva e Pereira (2021), que destacam que a efetividade de projetos educativos depende da clareza dos objetivos, do suporte institucional e da articulação entre os agentes envolvidos.

Portanto, os dados analisados demonstram que a extensão universitária, quando bem estruturada, tem o potencial de transformar não apenas os espaços escolares, mas também a formação dos futuros docentes. Os desafios enfrentados se revelaram oportunidades de crescimento profissional e pessoal, contribuindo para a construção de práticas pedagógicas mais sensíveis, contextualizadas e comprometidas com a transformação social.

Assim, os desafios enfrentados se revelaram oportunidades de crescimento profissional e pessoal, pois possibilitaram o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais adaptáveis e voltadas para a tratativa de problemas do mundo real. A prática extensionista, portanto, cumpre um papel formativo fundamental, promovendo a conexão entre o saber acadêmico e o contexto social, e fortalecendo a identidade profissional dos futuros docentes. Essa integração, por sua vez, contribui visando à construção de educação emancipadora, dedicada à formação de indivíduos críticos e conscientes do seu papel na sociedade.

4.4 Efeitos Percebidos dos Projetos de Extensão

A participação dos estudantes universitários em projetos de extensão tem se revelado um importante vetor para sua formação integral, especialmente quando essas ações dialogam com comunidades escolares de diferentes realidades. Os relatos dos participantes indicam transformações significativas nas dimensões cognitivas, afetivas e sociais dos sujeitos em formação. A atuação em contextos reais de ensino, repletos de desafios, possibilitou o desenvolvimento de aptidões essenciais para a prática docente e para a vida cidadã.

Entre os impactos destacados, os avanços em oratória, empatia, liderança e capacidade de adaptação foram recorrentes. Um estudante expressou essa evolução da seguinte maneira: “Eu era muito tímido. Falar para uma sala cheia me deixava travado. Agora, eu consigo até dar palestra. A extensão me transformou” (Entrevista, E3, Q4, 2025). Esse depoimento evidencia o fortalecimento da autoconfiança e da capacidade de comunicação, elementos fundamentais para educadores que precisam ocupar espaços públicos de fala, mediação e liderança. Freire (1996) salienta que o ato de ensinar é também um ato de coragem, que demanda exposição e compromisso com esse processo como prática libertadora.

Além das habilidades comunicativas, os estudantes relataram desenvolvimento da empatia e do compromisso social. A necessidade de adaptação constante dos conteúdos e metodologias para atender às diferentes demandas e realidades da educação básica exigiu deles escuta ativa e sensibilidade, qualificando-os como futuros profissionais mais éticos e responsáveis.

Outro impacto destacado foi o fomento do sentimento de pertencimento e da responsabilidade social, principalmente entre aqueles que atuaram em suas comunidades de origem. Como relatou um dos estudantes: “Voltar para minha escola como universitário foi muito forte. Vi o quanto a gente pode inspirar outras pessoas” (Entrevista, E4/Q4, 2025). Esse retorno simboliza a função da universidade como agente de mobilidade social e interlocutor entre saberes acadêmicos e saberes populares. A extensão, assim, manifesta-se como um processo dialógico que transforma todos os envolvidos: discentes, docentes e comunidade escolar.

Do ponto de vista dos alunos da educação básica atendidos, foi notado um aumento significativo no interesse por temas relacionados ao orçamento, consumo e uso consciente do dinheiro. Araújo e Sobrinho (2024) destacam a Educação Financeira como um instrumento de autonomia, capacitando os estudantes a tomarem decisões mais conscientes sobre suas finanças pessoais.

Buss e Amorim (2023) ampliam essa perspectiva ao afirmar que a Educação Financeira transcende a simples ideia de economizar, envolvendo a busca por uma qualidade de vida equilibrada, segurança financeira e preparação para imprevistos. Esse entendimento está alinhado às abordagens de Lizote, Moreira e Santos. (2016), que veem a Educação Financeira como um processo de aquisição de conhecimentos que permitem ao indivíduo gerenciar seus recursos de forma coerente e responsável, articulando presente e futuro.

Anjos e Rufino (2023) reforçam que a escola exerce papel central na conscientização financeira desde a infância, promovendo hábitos de planejamento e organização que podem acompanhar o indivíduo por toda a vida. Dessa forma, o contato precoce com a Educação Financeira contribui para a formação de cidadãos críticos e responsáveis.

Nesse sentido, a atuação dos estudantes extensionistas foi fundamental para traduzir esses conceitos em práticas pedagógicas adequadas e significativas, utilizando jogos, simulações e discussões que dialogavam diretamente com a realidade dos alunos. Essa mediação entre saberes acadêmicos e vivência cotidiana favoreceu a apropriação dos conteúdos e o engajamento dos estudantes da educação básica.

Soares Júnior, Silva e Pereira (2021), denotam a importância da atuação conjunta de diferentes atores para a Educação Financeira bem-sucedida: o Estado deve oferecer suporte e recursos para as escolas e universidades; as instituições de ensino precisam capacitar professores e envolver os alunos; e a comunidade acadêmica deve participar ativamente do processo. A partir disso, será possível construir uma alfabetização financeira contínua e efetiva, formando jovens para encarar os desafios do mundo contemporâneo com responsabilidade e equilíbrio.

Portanto, os efeitos observados indicam que os projetos extensionistas, quando planejados e apoiados institucionalmente, são espaços privilegiados de aprendizagem e

transformação. Eles ampliam as competências dos estudantes universitários, fortalecem sua consciência social e promovem uma educação financeira crítica e contextualizada para as comunidades atendidas.

Nessa dimensão, os desafios enfrentados indicam a necessidade de aprimoramento constante do planejamento, do apoio institucional e das formações metodológicas para garantir a qualidade e a continuidade dos projetos extensionistas. O investimento nessas frentes contribui para o desenvolvimento de atividades mais eficazes, que impactem positivamente a formação dos graduandos e a vida dos alunos da educação básica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação financeira emerge, de maneira crescente, enquanto um aspecto indispensável ao desenvolvimento pleno dos indivíduos, especialmente no âmbito educacional, onde se formam as bases para a autonomia e a cidadania crítica. No contexto da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus Monteiro, os projetos extensionistas assumem papel fundamental ao promover conhecimentos teóricos e práticos sobre finanças, seja para os discentes universitários, seja para a comunidade local.

Esta pesquisa qualitativa buscou investigar as experiências dos discentes envolvidos nos projetos extensionistas de educação financeira da UEPB/Monteiro, especificamente nas iniciativas Itinerário Financeiro e OBEF. A partir dos relatos dos próprios estudantes extensionistas, foi possível observar o significativo impacto dessas ações no desenvolvimento de competências financeiras, no fortalecimento das habilidades comportamentais, como a oratória, a empatia e a liderança, bem como na ampliação do senso de responsabilidade, como relatou o E3, Q4: “Agora eu consigo até dar palestra. A extensão me transformou”.

Os entrevistados indicam que, além do aprendizado técnico, os projetos extensionistas promovem uma formação mais abrangente, que capacita os discentes para enfrentar os obstáculos da vida pessoal e profissional. A atuação em comunidades diversas estimula a adaptação, o debate e a análise crítica sobre o contexto social e econômico, aspectos fundamentais para a formação de uma educação financeira contextualizada e eficaz.

Ao mesmo tempo, a pesquisa evidenciou fragilidades no ensino da educação financeira que demandam atenção. Essas lacunas reforçam a necessidade de investimentos contínuos em metodologias pedagógicas e no suporte institucional aos projetos extensionistas, garantindo sua qualidade, alcance e sustentabilidade. A presença desses desafios reforça a importância da extensão como um ambiente fomentador da integração entre teoria e prática, além de um campo fértil para o desenvolvimento de práticas educativas inovadoras e socialmente relevantes.

Dessa forma, o presente estudo contribui para preencher uma lacuna na literatura acadêmica local, ao destacar a importância dos projetos Itinerário Financeiro e OBEF sob a perspectiva dos discentes. Oferece ainda subsídios para a melhoria contínua dessas iniciativas e para o planejamento de futuras políticas educacionais que priorizem a educação financeira em contextos universitários e comunitários.

Por fim, evidencia-se que a educação financeira, enquanto campo de atuação extensionista, é capaz de transformar não apenas o conhecimento técnico dos estudantes, mas também sua postura enquanto cidadãos críticos e agentes de mudança social. Assim, reforça-se o papel da universidade pública como promotora de práticas educativas integradoras, inclusivas e comprometidas com a formação e a emancipação da comunidade.

Apesar das contribuições desta pesquisa, algumas limitações devem ser reconhecidas. A amostra restrita a discentes da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus Monteiro, limita a generalização dos resultados para outros contextos universitários e regionais. Além disso, o enfoque qualitativo, embora tenha permitido um entendimento aprofundado das

percepções dos estudantes extensionistas, restringe a possibilidade de quantificar os impactos dos projetos Itinerário Financeiro e OBEF sobre a comunidade local.

Para futuras investigações, seria pertinente ampliar a amostra para incluir diferentes universidades e públicos, bem como adotar metodologias mistas que combinem dados qualitativos e quantitativos. Também se sugere a análise longitudinal desses projetos, acompanhando os participantes ao longo do tempo para verificar a sustentabilidade e a evolução das competências financeiras adquiridas. Por fim, recomenda-se explorar comparativamente diferentes metodologias de ensino da educação financeira na extensão universitária, com o intuito de identificar aquelas que geram maior impacto e engajamento, colaborando para o fortalecimento de práticas pedagógicas progressivamente mais inclusivas e transformadoras.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Jefferson Pereira; LUCENA, Wenner Glaucio Lopes. Educação financeira: uma análise de grupos acadêmicos. **Revista Economia & Gestão**, v. 18, n. 49, p. 103-121, 2018.

ANJOS, Layanne Mesquita dos; RUFINO, Marta Cacilda de Carvalho. A importância da educação financeira como disciplina curricular: revisão bibliográfica. **Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**, p. 87–110, 2023.

AQUINO, Vanessa de Almeida; CEOLIN, Alessandra Carla. O Gerenciamento da Comunicação em Projetos Públicos: Uma Análise da Literatura Nacional. **Revista FSA**, v. 20, n. 1, 2023.

ARAÚJO, André Luiz; SOBRINHO, Ricardo Alves. A importância da educação financeira na formação cidadã dos estudantes da Educação Básica. **Debates em Educação**, v. 16, n. 38, e15968, 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BEZERRA, Adrielle Nara Serra; SOUSA, Francisca Márcia Lima de; COLARES, Anselmo Alencar. A curricularização da extensão na formação docente: aproximações e contradições para uma praxis emancipadora. **Olhar de Professor**, v. 25, p. 1–22, 2022. DOI: 10.5212/OlharProfr.v.25.20879.072. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/20879>. Acesso em: 21 maio 2025.

BORGES, Andréia Alves de Carvalho; CARVALHO, Plauto Simão de; MIRANDA, Sabrina do Couto de. A educação financeira e o processo de ensino-aprendizagem na educação básica. **Boletim Cearense de Educação e História da Matemática**, v. 11, n. 33, p. 1-21, 2024.

BUSS, Larissa da Silva; AMORIM, Gabriela Vicente de. Educação Financeira: mais que poupar, uma questão de qualidade de vida. **Cadernos de Educação Financeira**, v. 8, n. 2, p. 45-60, 2023.

BUSS, Larissa da Silva; AMORIM, Gabriela Vicente de. **Educação financeira: a importância da sua inclusão no processo de ensino aprendizagem desde o ensino fundamental**. Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), 2020.

CRISTOFOLETTI, Evandro Coggo; SERAFIM, Milena Pavan. Dimensões metodológicas e analíticas da extensão universitária. **Educação & Realidade**, v. 45, p. e90670, 2020.

FLORIDO, Caroline Maria. A História da Extensão Universitária na Faculdade de Educação da Unicamp: resistência institucional ou recorte social? *In: ENCONTRO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO E MARXISMO*, 4., 2009, São José do Rio Preto. Anais [...]. São José do Rio Preto: ABEM, 2009. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_files/l4ZaQQff.doc. Acesso em: 21 maio 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, p. 20-29, 1995.

HURTADO, Antonio Paulo Guillen; FREITAS, Carlos Cesar Garcia. A importância da educação financeira na educação de jovens e adultos. **Revista de Educação Popular**, v. 19, n. 3, p. 56-76, 2020.

LIZOTE, Suzete Antonieta; MOREIRA, André Luiz; SANTOS, Daniela Maria. Finanças pessoais: um estudo envolvendo os alunos de ciências contábeis de uma instituição de ensino superior. **Revista da UNIFEBE**, v. 1, n. 19, p. 71-85, 2016.

LOMBARDI, Maria Rosa; PAULA, Maria Ângela Boccara de; MONTEIRO, Magali Beatris da Silva; WADA, Maria Inês Garcia. A entrevista semiestruturada. *In: LOMBARDI, Maria Rosa; ÁVILA, Maria Auxiliadora; PAULA, Maria Ângela Boccara de (Orgs.). O prazer da entrevista em pesquisas qualitativas*. Curitiba: Editora CRV, 2021. p. 35–55.

MOURA, Lúcia de Fátima Almeida de Deus; PIAUILINO, Raíra Jéssica Barbosa; ARAÚJO, Ítalo Frota; MOURA, Marcoeli Silva de; LIMA, Cacilda Castelo Branco; EVANGELISTA, Lidiane de Moraes; LIMA, Marina de Deus Moura de. Impacto de um projeto de extensão universitária na formação profissional de egressos de uma universidade pública. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, n. 1, p. e002, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.1-20200242>. Acesso em: 25 mai. 2025.

OLIVEIRA, Evandro Salvador Alves de. Contribuições da extensão universitária com a produção e circulação do conhecimento. **Intermedius – Revista de Extensão da UNIFIMES**, v. 1, n. 1, p. 47-55, 2021.

PINHEIRO, Jonison Vieira; NARCISO, Christian Silva. A importância da inserção de atividades de extensão universitária para o desenvolvimento profissional. **Revista Extensão & Sociedade**, v. 14, n. 2, 2022.

SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia de Angelis. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 41, p. 1121-1141, 2007.

SOARES JÚNIOR, Carlos Alberto; SILVA, Marcos Paulo Alves; PEREIRA, Ana Luísa. Educação financeira nas escolas. **Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN)**, v. 5, n. 1, 2021.

SOUSA, Ilza da Luz; NAKASHIMA, Rafael Hiroshi Rodrigues; GUTBERLE, Juliane. **A extensão universitária: espaço de comunicação e de transformação social.** [S.l.], 2020.